



TEORIA SOCIAL E AMBIENTE

Guillermo Foladori¹

Um livro imprescindível para cientistas sociais, filósofos e interessados em geral na questão ambiental. Imprescindível porque o autor, David Goldblatt, professor da *Open University*, analisa em profundidade e com aguda crítica o pensamento de quatro dos maiores teóricos sociais atuais em relação ao meio ambiente. Anthony Giddens, André Gorz, Jürgen Habermas e Ulrich Beck, nessa ordem, são minuciosamente esquartejados — no bom sentido —. Destacam-se duas características no decorrer do texto: o rigor com que Goldblatt ordena o pensamento dos autores analisados, apesar das mudanças neles acontecidas nas últimas décadas. Isso é notório demais no caso de Anthony Giddens, e Goldblatt desnuda-o. E, também, a agudeza da crítica, que não deixa espaço para vacuidades.

O texto todo está organizado em torno de duas questões: as origens e os efeitos da degradação ambiental nas sociedades modernas, e as condições sob as quais as forças políticas podem ser mobilizadas com êxito contra a degradação do ambiente. Goldblatt começa deixando mal parada a sociologia. Segundo ele, os grandes nomes da sociologia, como Durkheim, Marx e Weber, pouco tiveram a dizer sobre a questão ambiental [veja uma opinião contrária no caso de Marx, neste mesmo site, na resenha de Foster]. O momento histórico teria sido um impedimento, e tais pensadores testemunhas das dificuldades históricas das sociedades pré-modernas para se sobreporem à natureza externa, e das modernas de ultrapassarem esses limites. A questão da degradação do meio ambiente não estava na agenda histórica do final do século XIX e princípios do século XX, quando a sociologia adquiriu sua maturidade teórica.

O primeiro sociólogo analisado é Anthony Giddens. A pergunta que guia a análise é: quem é responsável pela devastação moderna do ambiente? O capitalismo ou o industrialismo? Giddens elabora sua teoria sociológica em contínuo confronto com o materialismo histórico. Mas, nas décadas de setenta e oitenta, Marx ainda tem forte presença na teoria de Giddens, e o industrialismo-capitalismo transforma-se em réu, culpado pela destruição da natureza. Já no final dos anos oitenta, e como consequência do conhecimento que o Ocidente teve da destruição do meio ambiente pelas economias ditas socialistas, Giddens muda sua posição, se distancia mais de Marx, e culpa o industrialismo pela degradação

¹ Goldblatt, David. (1998). **Teoria Social e Ambiente**. Lisboa: Instituto Piaget. ISBN: 972-771-037-9. P. 312

ambiental. Para isso, deve utilizar o conceito de *modernidade* —que abrange tanto capitalismo quanto socialismo— como critério sociológico central. Goldblatt é implacável na crítica. Não precisa ser marxista para demonstrar, convincentemente, que a virada teórica de Giddens enfraqueceu a análise. É de destacar, ainda, que Goldblatt não se conforma com a crítica dos autores, e avança em construções metodológicas próprias, como quando coloca a necessidade de distinguir entre causas diretas e causas estruturais da degradação ambiental. As primeiras seriam as visíveis, como a agricultura de clareiras-e-queimadas na floresta tropical. As segundas, as pressões históricas e estruturais, condições e oportunidades que induzem grupos e indivíduos a regerem seu comportamento econômico e demográfico de modo problemático em relação ao meio ambiente. É o caso, por exemplo, do subemprego urbano, escassez de capital etc. Outro exemplo é a importância que Goldblatt atribui, tanto à cultura quanto à política, para compreender a degradação ambiental. Ele avança na resposta da pergunta de por que certos indivíduos, em determinadas circunstâncias históricas, avaliam de uma ou outra forma a degradação ambiental, e como essa consciência é confrontada com os interesses imediatos. Nesse contraponto entre os autores criticados e suas próprias posições, fica clara a perspectiva de Goldblatt, crítico dos ecologistas verdes, ao identificar como causa estrutural da degradação ambiental o capitalismo em lugar do industrialismo, mas distante do marxismo, porquanto salienta, com muita propriedade, o papel da cultura e da política, dando como exemplo a sociedade urbana.

O segundo sociólogo considerado é André Gorz. Notoriamente menos flutuante no seu pensamento e mais próximo do seu crítico. No entanto, Goldblatt critica Gorz por: a) ignorar o papel das forças internacionais na degradação do ambiente, como quando há processos de poluição que vão além das fronteiras, b) estabelecer uma relação direta entre impactos ambientais e incremento de custos ambientais, quando de fato entre o reconhecimento do impacto e sua transformação em custos há um processo de luta política que pode se manifestar de diferentes formas, e c) desmerecer o papel dos movimentos ambientalistas na criação de uma consciência da degradação, assim como pressionar os governos para resolver tais problemas.

Em terceira instância, Goldblatt considera os aportes de Habermas para a compreensão dos movimentos sociais ambientalistas. Critica Habermas por: a) desconsiderar as interações entre as sociedades como elemento político para compreender a dinâmica dos movimentos ambientalistas, como quando os problemas ambientais transfronteiriços geram interações entre os Estados; b) considerar os movimentos ambientalistas dentro de um conjunto de movimentos de resistência à “colonização do mundo natural”, sem colocar os problemas concretos de degradação no centro da análise; por último, e talvez a mais grave,

c) esquecer a história enquanto mudança na natureza do industrialismo e capitalismo.

Em quarto e último lugar, Goldblatt analisa a "sociologia de risco", do sociólogo alemão Ulrich Beck. Diferentemente dos casos anteriores, para Beck, a questão da degradação ambiental está no centro de uma teoria social moderna, portanto, não é um elemento a mais. Goldblatt duvida de que os riscos da sociedade moderna tenham conduzido a modificações tão importantes no comportamento, para basear nesse conceito toda uma estrutura teórica como Beck o faz. Para começar, considerar o risco como essencialmente negativo é, pelo menos, arbitrário. Tampouco, segundo Goldblatt, Beck é sensível à relação entre mudanças históricas e degradação ambiental.

No conjunto, a obra de Goldblatt é um guia metodológico para o estudo da problemática ambiental de grande calibre. No entanto, a tarefa de alcançar essa perspectiva não é simples, requer um leitor cuidadoso, já que a crítica aos sociólogos e as propostas próprias se entrelaçam continuamente.